



Ensaio Filosófico

(Por Clério
R. de
Castro)

ÍNDICE

O RELATIVO E O ABSOLUTO: DEUS NA CONCEPÇÃO ESPÍRITA	3
CRIACIONISMO: DIFERENÇAS SUBSTANCIAIS	9

ENSAIO SOBRE O RELATIVO E O ABSOLUTO

DEUS NA CONCEPÇÃO ESPÍRITA

Por Clério R. de Castro

A inteligência pode compreender, mas não alcança o não-dimensional. A nossa concepção está adstrita à apreensão dos seres e das coisas deste universo relativo em que todos vivemos. O infinito, portanto, não pode ser alcançado pelo finito. O relativo não pode apreender o absoluto. Sendo Deus a origem e princípio absoluto de todas as coisas, a nossa inteligência relativa não tem capacidade para apreender ou alcançar a dimensão absoluta, em que o Ser Supremo é, por conseguinte jamais poderemos alcançá-LO na sua integridade existencial.

Deus não poderia ser dimensional porque teria uma forma, estaria limitado a um dado espaço-tempo. Ele é a imanência, o sustentáculo deste Universo infinito. Deus não é uma inteligência, como nós, mas sua origem e fonte universal absoluta.

Deus não é um Espírito, assim como nós, com atributos, porque poderia modificar-SE, teria limites, e o Absoluto é imutável, não pode perder ou acrescentar valores, não pode ter limites. Não é uma consciência, como nós, porque pensaria de modo relativo, particular, o que implicaria em mudanças, alterações, e o Absoluto é imutável.

Deus não é um criador, mas o centro, o suporte, o princípio absoluto das leis criadoras de tudo quanto existe. Sempre existiu e o universo existe com Ele. Se fosse criador, estaria criando novas formas, umas agora, outras depois, o que revelaria que ainda não criou tudo, ou que criou o universo no passado, situando-O, portanto, no tempo ou duração, condição esta incompatível com a imutabilidade do Ser Supremo.

Deus não pensa, não age, não julga, não cria, não modifica, não atende a súplicas, não pune, pelo menos do modo como entendemos e praticamos tais ações. Se Ele, eventualmente, praticasse tais ações, o faria bem ou mal, o que invalidaria a sua condição de Absoluto. Sua vontade está impressa na sabedoria de suas leis imutáveis, a que todos os seres estão submetidos.

Deus é Causa, e a causa é sempre superior e diferente de tudo que existe, segundo o postulado da Teoria do verdadeiro conhecimento. Assim, a fantasiosa lição dogmática, segundo a qual fomos criados a Sua imagem e semelhança, não passa de uma infantilidade cultural.

A expressão **Deus criou**, O coloca no tempo, no passado, o que irracionalizaria a concepção ou o conceito de Absoluto, diante do Qual tudo é presente. Deus é princípio, essência, fonte e origem absoluta de tudo que existe. A criação é obra de Seus Ministros ou Agentes universais, que operam com as leis divinas. Se, diante de Deus o quadro é o "**agora**", não havendo passado nem futuro, Ele não poderia criar uma coisa, depois outra, e assim por diante, pois estaria agindo no tempo, estaria se deslocando no espaço-duração, a cada instante, contradizendo assim a sua condição de Absoluto. Portanto, todas as coisas, na sua essencialidade fundamental, sempre existiram e existirão com Ele, nessa maravilhosa síntese que é o **Agora** diante Dele, mas cuja configuração dessa realidade escapa à nossa apreensão de relativos. Espaço e tempo só existem para nós, o relativo, o finito. O relativo é o círculo de raio infinito, dentro do qual giramos nós, todo o relativo, todos os seres, todas as manifestações do universo, provindas - é óbvio - do Princípio Absoluto de todas as origens, de todas as forças, de todas as leis naturais, de todos os valores. O Absoluto é a circunferência que contorna e sustém o círculo

de raio infinito. Se o raio do círculo é infinito, os seres relativos, logicamente, jamais alcançarão a linha da circunferência, a área do absoluto.

Em verdade, a grande dicotomia existencial são o Absoluto e o Relativo. .

A idéia histórica da criação é mera fantasia, produto da vivência e do pensamento relativos, ou de concepções oriundas da infância cultural da humanidade, portanto não verdadeira, não racional, não lógica. E é nisto que está a grande dificuldade de se compreender o Ser Supremo, vale dizer, a sua redução à condição antropomórfica - ingenuidade das gerações passadas - como se Ele fosse aquele velhinho de barbas brancas, sentado num trono terreno, rodeado de figurinhas angélicas a voejar a sua volta...

Deus é o sustentáculo deste nosso universo infinito, que sempre existiu no "**agora**" diante DELE. Se, diante de Deus, o cenário é o **agora**, é porque tudo que existe, existe com Ele, logo aquilo que costumamos chamar de criação, nada mais são do que os produtos da ação de seus **Ministros espirituais**, projetados na esfera relativa, em consequência da manipulação das leis naturais. Assim, Deus não age do modo como entendemos a ação. Tudo quanto existe, em essência, já existe com o próprio Deus, que deve ser entendido como **Fonte Absoluta do Poder, dos Valores e das Leis fundamentais**. São os Espíritos, pois, que, dentro de sua gradação interminável de poder, atuam como seus agentes na dinâmica universal, vale dizer, na produção das coisas do relativo. Claro que ainda não sabemos quais os produtos que procedem diretamente das leis fundamentais e quais os que provêm da ação dos Espíritos.

Ao nos referirmos a Deus, não há porque se falar em "**criação**", ou qualquer outra expressão que indique tempo passado ou futuro. Deus "**não foi**" nem "**será**", **Ele é**. Logo, o que existe no agora, no essencial e fundamental, com exclusão dos produtos relativos, que são criações dos Agentes espirituais, com base nas leis naturais, sempre existiu com Ele - para usarmos a nossa linguagem relativa. A palavra **criação** deve ser entendida tão somente para significar as atividades produtivas dos Agentes espirituais, arrimadas nas leis universais. Deus é a Lei, os Espíritos, os seus agentes produtivos e administradores de áreas específicas do relativo.

Se, diante do Absoluto, tudo é presente, tudo é o agora, o nosso futuro já ocorreu diante DELE, isto porque não se poderia admitir que Ele dependesse do tempo - como nós relativos - para ter presente um acontecimento qualquer. Se, para o Absoluto, não existe passado nem futuro, obviamente diante DELE tudo é presente. Se tudo é presente diante DELE, todas as coisas existem com Ele. Criação, de fato, só existe para nós, que só entendemos as coisas dentro dos limites de tempo e do espaço. Não havendo espaço nem tempo, toda a realidade está no presente, no quadro que, diante do Ser Supremo, é o **agora**. Portanto, origem, passado, início para o Ser Supremo, não existem, isto porque Ele não tem passado, não está no tempo, não é relativo.

Não havendo passado nem futuro diante de Deus, mas tão somente o infinito cenário do presente, logicamente algo que integrar esse presente, não pode ter sido criado, não pode estar no passado ou no futuro, não pode estar no tempo. Daí a possibilidade de afirmarmos que o Universo, no tocante à essência absoluta de sua realidade, constitui uma dinâmica do **AGORA!**

Esta concepção de que nada foi criado, pelo menos no modo como entendemos a denominada criação divina, está perfeitamente embasada no dado lógico de que Deus, sendo Deus, jamais poderia ficar inativo. Por outro lado, sendo Ele o centro absoluto de todas as forças universais, ou de todas as leis naturais de caráter físico, moral e espiritual, informa-nos a razão que estas forças e estas leis sempre estiveram em ação no objeto. Deste modo a concepção ontológica parmenídica está perfeitamente condizente, ao afirmar:

"Aquilo que é, é; aquilo que não é, não é".

Ao descobrir esta lei e afirmar este postulado, Parmênides quis demonstrar que o **"ser em si"**, aquele que tem identidade própria, o ser essencial, o espírito, aquele que não se destrói nunca, que não é apenas manifestação física, mas existência definida e eterna, tal como a alma ou espírito, a consciência, existiu sempre no seio do Universo, de onde surgiu impulsionado pelas leis naturais para jamais deixar de ser. Os meandros desse complexíssimo início ainda continuarão por longo tempo nas brumas do desconhecido.

Os Espíritos superiores, encarregados de difundir a Doutrina Espírita, muito sabiamente responderam às indagações formuladas por Allan Kardec sobre este difícil tema:

-Kardec - A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele num certo momento?

-Espírito - Só Deus o sabe. Há, entretanto, uma coisa que a vossa razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e de caridade, jamais esteve inativo. Qualquer que seja a distância a que possais imaginar o início da sua ação, podereis compreendê-lo um segundo na ociosidade? (L.E., q. nº 21, pag. 70, Ed. Lake).

Quanto ao Espírito, Kardec formula a seguinte pergunta:

- **"Os Espíritos tiveram princípio ou existem de toda a eternidade?"**, ao que o Espírito responde:

Se os Espíritos não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, pelo contrário, são sua criação, submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, isso é incontestável; mas quando e como Ele criou, não o sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se com isso entendes que Deus,

sendo eterno, deve ter criado sem cessar; mas quando e como cada um de nós foi feito, eu te repito, ninguém o sabe; isso é mistério (L.E., q. nº 78, pág. 89, ed. Lake).

"Mistério" para o Espírito interpelado, significa impossibilidade relativa de penetrar a área absoluta em que se processam essas origens. É preciso ressaltar a diferença entre origem, criação e princípio. Claro que a nossa origem é Deus, mas não fomos criados num certo **"momentum"**, apenas tivemos princípio, já que pertencíamos ao universo e dele surgimos impulsionados por leis naturais e modos que ainda escapam a nossa inteligência: **" O Espírito dorme na pedra, se agita no vegetal, sonha no animal e desperta no homem"** (Eis a lição de Leon Denis).

O Espírito interpelado, sabendo que o assunto é complexo e de difícil compreensão, deixou as portas da razão abertas para especulação futura: **"... se com isso entendes que Deus, sendo eterno, deve ter criado sem cessar"**.

Augusto dos Anjos (Espírito) em **"Vozes de Uma Sombra"**, à página 149 e seguintes de **"O Parnaso de Além Túmulo"**(Fº C.Xavier, 11a. Edição, FEB), com o seu maravilhoso estro, sábio e profundo, assim nos encanta e ilumina desde a primeira estrofe desse poema:

"Donde venho? Das eras remotíssimas,

Das substâncias elementaríssimas,

Emergindo das cósmicas matérias.

Venho dos invisíveis protozoários

Da confusão dos seres embrionários,

Das células primevas, das bactérias".

O consagrado poeta desencarnado, no entanto, continua a sua inigualável lição, descrevendo a presença do Espírito incipiente e em desenvolvimento, através das diversas etapas do processo filogenético:

"Venho da fonte eterna das origens,

No turbilhão de todas as vertigens,

Em mil transmutações, fundas e enormes.

Do silêncio da mônada invisível,

Do tetro e fundo abismo, negro e horrível,

Vitalizando corpos multiformes".

Eis aí a grande verdade que os Espíritos superiores confirmam ao responderem à questão 540, formulada por Kardec:

" É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo".

Leon Denis tinha muita razão quando disse que **" o Espírito dorme na pedra, se agita no vegetal, sonha no animal e desperta no homem".**

A expressão **"deve ter criado sem cessar"**, com a idéia de passado, é uma maneira característica do nosso pensamento relativo. Em verdade, diante do Absoluto tudo é presente, por isso não poderíamos usar a expressão **"criado"**, porque o tempo deste verbo indica passado, logo O estaríamos situando no tempo.

De fato, reduzir passado e futuro a um único quadro do presente, torna-se difícil à apreensão da inteligência relativa.

Somente Deus,. o Absoluto, tem diante de Si esse quadro sintético . Contudo, está aí a prova: a precognição ou premonição e a retrocognição mostram, experimentalmente, que os fenômenos extra-físicos independem de espaço e tempo. Quer dizer, os fenômenos PSI não se processam no espaço euclidiano, nem no tempo. Não se processando no nosso espaço (tridimensional), ocorrem em outra dimensão. Não dependentes de tempo, não se enquadram na noção de passado e futuro. Assim sendo, serão fenômenos de vivência presente, o que nos faz lembrar a nossa afirmação anterior, segundo a qual o Universo, na sua realidade essencial, constitui uma **dinâmica do agora**.

A precognição revela um fato que ainda não ocorreu no relativo-tridimensional. As profecias, as premonições ou precognições, os sonhos que revelam acontecimentos do futuro são as melhores provas de que o futuro é o agora diante do Ser Supremo, do contrário não se poderia conhecer um fato que ainda está - para nós - no futuro. A idéia de que, diante de Deus tudo é presente, valida de modo incontestável e racional a possibilidade de penetrarmos nessa ou nessas outras dimensões, aonde o nosso futuro está ocorrendo, e que, o somatório dessas prováveis infinitas dimensões, forma o quadro existencial absoluto da visão sintética do Ser Supremo. O túnel do tempo deve ser uma intuição dessas verdades indiscutivelmente racionais.

À proporção que evoluímos e vamos mudando de dimensão existencial, a nossa capacidade de conhecer aspectos do futuro do relativo, torna-se cada vez maior. Os Espíritos superiores, cuja penetração na duração é muito maior, podem nos revelar detalhes desses acontecimentos futuros. Trata-se, como já

verificamos, de uma possibilidade obviamente lógica, já que esse futuro se expõe como presente diante de Deus. .

Claro que somente Deus, o Absoluto, pode visualizar num único quadro aquilo que compreendemos como passado e futuro. A abrangência sintética da visão do Ser Supremo obviamente provém do seu domínio da dimensão absoluta, inacessível ao ser relativo, daí o quadro global ou sintético diante DELE, formado pela reunião absoluta de todos os acontecimentos passados e futuros dessas prováveis e infinitas dimensões relativas.

Um fato, todavia, deve ser ressaltado a propósito desse quadro sintético de duração diante de Deus. Pelo menos nos fenômenos de retrocognição, em que os pacientes retornam às diversas fases do passado, segundo os estudos e experiências relatadas em "O Novo Mundo do Espírito", de J.B. Rhine –(Duque University-USA), a maior autoridade da parapsicologia ocidental - não significa mera lembrança do passado, como costumamos, às vezes, nos recordar da infância. Trata-se, sim, de um retorno ao passado, de uma revivescência do passado, de uma espécie de viagem de volta no tempo e em cujo transcurso revivemos todos os instantes, todas as emoções, todas as qualidades pessoais e espirituais que possuíamos naquelas vivências.

Se, de fato, os fenômenos PSI não dependem de tempo, é porque as vivências registradas no extra-físico da memória perispiritual ocorrem no presente e podem ser revistas, repassadas ou revividas com todo o seu realismo. Apertar o botão dessa memória perispiritual é como um mergulho para reviver cenas do passado, para pinçar fragmentos de vivências, ou para reestudo de épocas pretéritas, na condição de encarnados ou desencarnados, em que aparecemos como figurantes. Sobretudo na condição de desencarnados, isto demonstra que essas vivências nunca se perdem e fazem parte de um único painel existencial, compondo assim o "**ser integral**", não mais por meio de lembranças, mas sim por via de uma revivescência plena dessas vivências. É o que ocorre ao Espírito que retorna à Espiritualidade, ao se reintegrar na sua verdadeira **individualidade**, no momento em que revive as etapas reencarnatórias passadas. É nesse momento que o Espírito se desvincula das personalidades vividas para sentir-se na sua verdadeira individualidade existencial, ou espiritual.

A nossa eterna existência, que é o somatório de nossas vidas sucessivas, deve ser considerada como uma infinita universidade, que cursaremos por toda a eternidade, por isso mesmo, em verdade, ela constitui uma linha curva que só vai se fechar no infinito, podendo os seus diferentes instantes serem revividos pelo próprio, segundo a sua maior ou menor capacidade, segundo a eficiência maior ou menor do processo de incursão. Os próprios Espíritos nos relatam esta possibilidade de reviver épocas pretéritas, por um simples impulso volitivo, ao necessitarem de dados daquelas vivências, ou pretenderem se apresentar com a forma ou com as características daquelas antigas encarnações.

Dissemos no início que Deus não pode ser dimensional, isto porque estaria limitado a um dado espaço ou dimensão. Por outro lado, também afirmamos

que as inteligências relativas, ou finitas, não podem alcançar o não-dimensional, o absoluto.

Logo, sendo Deus o Absoluto, é impossível medi-LO, alcançá-LO ou apreendê-LO como Ele é, vez que o finito não alcança o infinito, o relativo não alcança o absoluto, ou a área absoluta, que é a dimensão dominial do Ser Supremo.

Assim, se nenhum ser relativo alcança a dimensão absoluta, visto estar posicionada no extremo de uma linha infinita, onde se encontram os valores em seu potencial absoluto, ninguém, nenhum Espírito, por mais elevado que seja, alcança o extremo dessa linha infinita, vale dizer, a fonte de justiça, da sabedoria, do poder, e do amor absolutos, porque então seria nos igualarmos a Deus. Nessa universidade infinita é lógico que jamais chegaremos à etapa final, porque esta não existe. Nessa infinita trajetória em busca desses valores, todos, indistintamente, seremos eternos viajores e aprendizes..., eis que, estando a perfeição absoluta no extremo de uma linha infinita, logicamente nenhum ser relativo, vale dizer, ninguém, atinge esse extremo. Por mais elevado que seja o ser ou o Espírito, ele não pode igualar-se ao Ser Supremo. À sua frente haverá sempre uma trajetória infinita a percorrer...Estaremos sempre no meio dessa infinita linha...

A justificativa racional da impossibilidade de apreendermos a dinâmica das origens é a existência dicotômica das lógicas do relativo e do absoluto. Nós só possuímos a do relativo. A do absoluto, só Deus, e é por isso que não alcançamos os processos naturais das origens.

Todas as concepções do passado, todas as revelações e criações românticas dos povos antigos, com fundo de religiosidade, são frutos da ingenuidade cultural daquelas gerações, da infância do conhecimento, pressionando a necessidade histórica de uma bússola espiritual que servisse de orientação ao homem. Longe, porém, de se aproximarem da verdade total, absoluta, da qual ninguém se aproxima, eis que "**noinfinito todas as grandezas são iguais**", todos estão equidistantes do infinito. Portanto, sendo finitos, todos nós estamos a uma mesma distância do Ser Supremo (se é que podemos falar em distância), e é só assim que se realiza a igualdade de todos perante Deus, embora uns sejam melhores do que outros, tenham mais capacidade do que outros, sem que essas qualidades definam um posicionamento mais próximo do Ser Supremo, apenas um volume maior ou menor de aquisições no campo da experiência ou do saber, limitados, porém, ao âmbito relativo, e de qualquer posição deste para o Absoluto, a distância conceptual é sempre a mesma, ou seja, infinita.

NOTA: O presente trabalho foi publicado na revista 'R I E', há alguns anos atrás. No mês de fevereiro do corrente ano, resolvemos fazer uma revisão, sem alterar-lhe o conteúdo, apenas acrescentando alguns dados para melhor exposição do problema.

Não temos a pretensão de **donos da verdade**. O nosso desejo é o de abordar o complexo problema **CAUSAL** à luz da razão e da Filosofia Espírita. No nosso

ponto de vista, não há outra via que não a racionalidade do pensamento lógico para nos aproximarmos dessas origens a que denominamos **criação**.

Estamos conscientes das difíceis subtilezas do raciocínio e das imensas dificuldades que se opõem nessa excursão pelos meandros do conhecimento, na tentativa de desvendar, tão somente de modo relativo, o mistério das origens. De modo relativo, repito, porque a sabedoria absoluta - que revelaria todo o mistério - encontra-se no extremo de uma linha infinita, logo, impossível de ser alcançada.

O Autor

Clério R. de Castro

e-mail: clerioc@cruiser.com.br

Criacionismo - Diferenças Substanciais -

Clério R. de Castro

Por mais que Allan Kardec, Léon Denis, Deolindo Amorim, J. Herculano Pires, Richard Simonetti e tantos outros luminares da Doutrina tenham procurado demonstrar o quanto o Espiritismo está distanciado das religiões comuns, ou dogmático-fideístas, o fato é que a ingenuidade, a ignorância, os interesses materiais de muitos e a simplicidade e o saudosismo de alguns confrades costumam confundir as coisas, ao pretender nivelar práticas místicas com fundamentos rigorosamente lógicos; conhecimentos oriundos da infância cultural da humanidade com a latitude racional e científica dos fundamentos da Doutrina Espírita.

Kardec, com a sua reconhecida genialidade, não deixou dúvidas quanto à topologia do Espiritismo, ao classificá-lo como ciência e filosofia, estabelecendo, implicitamente o longo distanciamento do seu aspecto religioso com as práticas ritualísticas das religiões tradicionais.

Eis o repto corajoso e categórico do mestre lionês: ***"Se um dia a ciência demonstrar que estejamos errados em um ponto, nós voltaremos atrás para acompanhar a ciência"***.

E mais: ***"A força do Espiritismo está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e no bom senso"***.

A concepção religiosa da nossa Doutrina é resultante da associação plena da ciência e filosofia. Fora da prova substancial, da razão e do bom senso não vicejam os fundamentos espíritas. Sem os contrafortes da ciência e

da filosofia, não há conhecimento, não há Espiritismo, não há religião espírita.

A luta empreendida pelos livres pensadores da Idade Média contra o poder e as contradições obscurantistas da Igreja, impostos com as terríveis ameaças das crepitações "**purificadoras**" da fogueira inquisitorial, dos calabouços e das torturas canônicas, prossegue ao encontro da dúvida metódica e do Racionalismo cartesianos, que revolucionam a cultura, consagram vitoriosa a Razão, **o cogito ergo suum**, dando assim início à moderna Teoria do Conhecimento.

Descartes, de fato, é "**o Espadachim da História**", conforme denomina J.Herculano Pires, por ter ele dado o golpe final naquele pugilo medieval, em que sobressai, límpida e esfuziante a Razão, para fincar, em definitivo, as bases do novo processo racional do conhecimento, cuja relevância, qual indômita corrente, vai desembocar no grande estuário da Revolução francesa, em meio às comemorações pelo surgimento da Religião da Razão.

Esta nova religião, idealizada pelo Procurador Pierre Gaspar Chaumette, resplandece na figura da bailarina Candeille, que é conduzida num andor, por um cortejo de jovens vestidas de azul, e entronizada na Igreja de Notre Dame de Paris, simbolizando a Razão, em festiva cerimônia presidida por Robespierre. Essa avalanche de acontecimentos decorrentes da nova e revolucionária visão cultural, revitaliza-se ao som da Marselhesa, com a força e as características da concepção iluminista dos grandes pensadores do XVIII século.

O Espiritismo, portanto, é a resultante de toda essa evolução cultural vitoriosa, que se inicia na Idade Média, é homologada pelo pensamento cartesiano, abriga-se nos princípios que fundamentaram a Revolução Francesa para despontar na segunda metade do século XIX, com as irmãs Fox, as mesas falantes e o trabalho genial do missionário e Codificador Allan Kardec.

Eis porque o aspecto religioso do Espiritismo tem que ser visto de modo a desautorizar quaisquer semelhanças com as práticas correntes do dogmatismo--fideista. Estando o Espiritismo arrimado na ciência e na filosofia, qualquer respingo de misticismo, de fideísmo ou ilogicidade em sua prática religiosa, podem corromper a limpidez da linhagem dos seus fundamentos, que se identificam como sendo a última fase da Teoria do Conhecimento, já no seu trânsito da Razão para o Espírito. São estes luminosos caminhos da Razão e da ciência que embasam a religião espírita, fortalecem a nossa certeza nos ditames racionais do verdadeiro conhecimento, e consolidam finalmente nossa inabalável convicção na existência necessária do Ser Supremo – Fonte e origem absoluta de todos os valores -.

Dada a racionalidade da concepção religiosa espírita, e, considerando que a palavra **f é** no seu sentido religioso e filosófico significa uma verdade **inevidente** (in M.Garcia de Morente- Fundamentos de Filosofia, pág. 155), seria o caso de pensarmos em substituir esse vocábulo dos textos

espíritas, adotando-se a palavra **convicção**, muito mais coerente e categórica para definir todos os aspectos da realidade espírita, além de evitar interpretações e assimilações equivocadas, decorrentes do emprego de vocábulos graficamente idênticos, mas de conteúdo divergente quando empregados em sistemas diferentes.

Com a devida vênia, gostaria de apreciar alguns dos questionamentos apresentados por alguns confrades, em torno da problemática **CRIACIONISMO**.

A título tão somente de me inserir no debate desse importante assunto, que tem sido motivação de modesta pesquisa de nossa parte, desde que apresentamos um trabalho similar intitulado " Ensaio sobre o Relativo e Absoluto", publicado na RIE há alguns anos, entendo que esse problema da Criação envolve alguns meandros de inegável complexidade, mas que podem ser analisados e compreendidos à luz da razão. Criador e Criação são vocábulos que induzem a idéia da existência de um **momentum**, um instante nesta eternidade em que Deus teria criado o Universo. **Momentum** e instante se inserem no tempo, que só existe na visão terrena da nossa estrutura euclidiana. Ora, se Deus criou, é claro que criou no tempo, num certo instante. A partir deste raciocínio, ou estamos limitando Deus no tempo, ou então teríamos que indagar o que Ele estaria fazendo antes da suposta Criação. Limitar Deus no tempo é reduzi-LO ao antropofornismo da infância cultural da humanidade - aquele velhote irritado, que desponta das nuvens para punir os pecadores -. Deus então teria passado e futuro, teria limites, estaria inserido no tempo, não seria o Absoluto.

Costumo raciocinar a partir da grande e fundamental dicotomia universal: Absoluto e Relativo. Causa e Efeito. O Ser Supremo (a Causa, o Absoluto); o Efeito (o Universo, Nós, o Relativo). Segundo a Teoria do Conhecimento, a Causa é sempre superior e diferente do efeito. Para nós o Ser Supremo é a Fonte e Origem Absoluta de todos os valores: Poder, Justiça, Sabedoria, Amor, etc. Ora, partindo-se dessa dicotomia – Absoluto e Relativo – Causa e Efeito totalmente diferentes entre si, e, aplicando-se o princípio segundo o qual o finito não alcança o infinito, o relativo não alcança o absoluto, chega-se à conclusão da impossibilidade de o efeito (nós) alcançar o Absoluto (o Ser Supremo), sendo, portanto, meridiana a razão lógica dessa impossibilidade.

Assim, Deus, o Ser Supremo, em sua integridade existencial, não pode ser alcançado pela inteligência humana, relativa, limitada, embora possa ser compreendido. O Relativo é o que só se movimenta dentro dos limites do círculo de raio infinito, isto significando que os seres que o preenchem jamais tocarão a linha limite da circunferência, por que esta se encontra posicionada no extremo do raio infinito do círculo, vale dizer, no contorno da linha da circunferência, no começo da dimensão absoluta.

A Causa, o comando do Absoluto, deve irradiar da dimensão absoluta para a dimensão relativa (ou relativas, se houver).

A dicotomia universal – Absoluto e Relativo – nos induz duas espécies de lógica : a do Absoluto e a do Relativo. Na dimensão absoluta, a lógica do absoluto; na dimensão relativa, a lógica do relativo. Nós só manipulamos com a lógica do relativo, conseqüentemente, o nosso conhecimento só se insere também no relativo, sendo-nos interdito o conhecimento e a lógica do absoluto. Esta é a razão pela qual não podemos alcançar como pode existir um Ser não tridimensional, imanente e sustentáculo de um Universo infinito, porque a nossa mente não está provida de dispositivo absoluto que lhe permitisse alcançar o ilimitado; o relativo, estando em um círculo de raio infinito, jamais tocará o seu extremo, localizado na linha da circunferência, onde começa a dimensão absoluta. Nós só alcançamos o que estiver dentro do círculo, o que tem forma e grandeza, o que é limitado. Não há formas nem grandezas na dimensão absoluta que sejam apreensíveis pela mente relativa., Apenas compreendemos a logicidade da existência das duas dimensões, isto por que "não há efeito sem causa", a "causa é sempre superior e diferente do efeito", logo, se o efeito é infinito (Universo), a Causa, sendo superior, só pode ser Absoluta.

A ciência atua na película fenomênica, não vai à essência da realidade, logo a contradita comum às teses criacionistas provém de alguns cientistas apressados ou materialistas. A ciência em si é agnóstica, indiferente ao que estiver acima do fenômeno. Não nos esqueçamos de estabelecer a diferença entre ciência e cientista. A Filosofia é mais ousada, mas arguta, tenta penetrar com a razão os fundamentos existenciais, concluindo finalmente que a distância (se houver) para a partícula divina, ou elemento primordial da realidade, é infinita, por isso mesmo, inacessível.

Há os que pretendem um "**big bang**", essa idéia simplória e comodista de alguns donos da verdade, que imaginam a existência do **não ser**. A quantidade de combustível para desencadear um "**big bang**", capaz de gerar um Universo infinito, deve estar sendo escamoteado ou digerido na mente trêfega dos criadores dessa utópica explosão inicial.

No questionamento em torno da teoria evolucionista de Charles Darwin, sabemos que essa teoria só vem à lume após o surgimento da Doutrina Espírita. Tudo indica que Darwin se sentiu fortalecido ao tomar conhecimento, através de O Livro dos Espíritos, de uma resposta dada pelos Espíritos à indagação de Kardec, esclarecendo que os seres foram criados "**simples e ignorantes**", daí prosseguindo no seu trânsito evolutivo, a que Augusto dos Anjos, no seu majestoso poema "**Vozes de uma Sombra**", em O Parnaso de Além Túmulo, assim expõe com a profundidade científica e a beleza estética deste maravilhoso poema:

"Donde venho? Das eras remotíssimas,

Das substâncias elementaríssimas,

Emergindo das cósmicas matérias.

Venho dos invisíveis protozoários,

*Da confusão dos seres embrionários,
Das células primevas, das bactérias.
Venho da fonte eterna das origens,
Do turbilhão de todas as vertigens,
Em mil transmutações, fundas e enormes.
Do silêncio da mônada invisível,
Do tetro e fundo abismo, negro e horrível,
Vitalizando corpos multiformes".*

"A Doutrina Espírita é uma revolução maior do que a de Copérnico" (Sir Oliver Lodge).